

O papel das paixões em Platão e Aristóteles e sua especificidade no discurso político

Mariano Magri

Considerações Iniciais

Embora sejamos dotados de racionalidade e disponhamos da razão para a tomada de decisão acerca das opções que aparecem à nossa apreciação, não é raro sermos tomados por paixões que influenciam nosso juízo. Não sabemos exatamente como aparecem, mas sabemos da capacidade que possuem de aumentar ou diminuir a nossa simpatia em relação a um assunto posto em discussão.

Desde a Grécia antiga, vários estudos se dedicaram às paixões humanas como objeto de investigação. Às mentes de Platão e Aristóteles, contudo, devemos a discussão inicial. Para Platão (2019), o homem está preso à armadilha das suas paixões na caverna das suas ilusões, na medida em que se encontra carregado de preconceitos, ignorâncias e, por consequência, se afasta da razão, única forma de obter conhecimento. Aristóteles (2013), por sua vez, não coloca em oposição razão e paixão, porque entende paixão como um estado da alma suscetível de ser alterado e, por isso, não importa a paixão em si, mas como o homem reage a ela, porque, grosso modo, é uma inclinação ou um desejo que pode, se devidamente dosado, operar em conjunto com a razão. Na esteira da própria discussão, o estagirita reconhece o valor da paixão nos procedimentos argumentativos, especialmente no campo da política.

Diante de duas visões tão contrárias sobre o papel das paixões, dois são os objetivos deste trabalho. O primeiro é demonstrar, de forma breve, a construção do pensamento de Platão sobre a paixão e a crítica que Aristóteles oferece. O segundo é, a partir de Aristóteles e da importância conferida à paixão no campo da política, entender como o orador se vale do discurso para alterar o estado de espírito de seu auditório no gênero deliberativo.

A paixão em Platão e a crítica de Aristóteles

No livro *O filósofo e as paixões*, Meyer (1994) afirma que, para Platão, o homem está preso à armadilha das suas paixões na Caverna das suas ilusões. Platão, porém, nunca escreveu esse excerto textualmente. A afirmação de Meyer é uma interpretação das ideias contidas no *Mito da Caverna*, um dos diálogos de Platão, parte integrante de sua principal obra: *República*.

Para o filósofo grego, há dois mundos diferentes para se chegar ao aprendizado. Um está atrelado ao mundo do sensível, extraído de nossos sentidos, representado pelo corpo. O outro está atrelado ao mundo das ideias, extraído do esforço da razão, representado pela alma. O ser humano, portanto, participa desses dois mundos, pois possui corpo e alma.

No mundo sensível, o aprendizado se dá por meio das percepções corporais, que são perecíveis e transitórias e nunca permitirão chegar ao conhecimento verdadeiro, em face de se diferenciar em relação a um fenômeno. A título de exemplo, se tomarmos um prédio de dez andares como referência e perguntarmos a várias pessoas se é alto, médio ou baixo, podemos ter um número diferenciado de respostas, pois cada inquirido terá uma visão em relação ao que seja alto, médio e baixo. Essa variação tem relação com a opinião e Platão entende que a opinião nasce da controvérsia e a fomenta e, em função disso, cria um modo de conhecer preso às sensações, às paixões. Se, por conclusão do ateniense, há variação sobre a percepção de um fenômeno, não podemos estar diante da verdade, pois a verdade é única.

No mundo das ideias, por sua vez, as conclusões são baseadas em elementos universais, resultado do exercício da razão, livres de influências sensoriais e das influências das paixões. Também a título de exemplo, se tomarmos a soma do número dois com o número três e perguntarmos às pessoas qual é o resultado, só poderemos ter uma resposta: o número cinco. A razão diz que não há relatividade sobre isso. Portanto, estamos diante da verdade.

Essa concepção dualista de Platão, corpo e alma, sensível e inteligível, é fortemente representada no *Mito da Caverna*. Esse mito é um diálogo entre Sócrates e Gláucon, em que Sócrates constrói uma alegoria para demonstrar como deve ser a educação daquele que vai governar a cidade, a *res publica*. Dada a extensão dessa alegoria, as ideias serão condensadas em quatro estágios, com base no trabalho realizado por Ribeiro (2013).

O primeiro estágio abre a questão. Sócrates constrói a alegoria por meio de uma situação hipotética. Pede ao seu interlocutor para imaginar uma caverna subterrânea, com uma longa entrada acima aberta para a luz e tão larga quanto a própria caverna. Dentro dessa caverna estão seres humanos, prisioneiros desde a infância, acorrentados, pescoço e pernas, sob grilhões, fixados no mesmo lugar,

capazes de ver somente à frente. Há também a luz de uma fogueira, acima e atrás deles. Somado a isso, há um terreno mais elevado com uma vereda que se estende entre eles e a fogueira e, ao longo dessa vereda, foi construído um muro baixo com anteparo pelo qual sombras e sons eram produzidos por quem passava próximo ao feixe da luz da caverna.

No segundo estágio, Sócrates abre a primeira possibilidade de mudança e pede a Gláucon para imaginar a soltura de um dos prisioneiros, o qual foi obrigado a se levantar, virar a cabeça, caminhar e experimentar a dor pela ofuscação da vista na repentina exposição à luz. Indagou a Gláucon sobre a resposta do prisioneiro caso fosse dito a ele que tudo o que vira antes fosse ilusão e emendou com a questão: se apontássemos para cada uma das coisas que passam diante dos seus olhos e lhe perguntássemos o que é cada uma e o constrangêssemos a responder, não achas que ele ficaria confuso e que acreditaria que os objetos que havia visto antes eram mais reais do que os que agora lhe são mostrados? Eis que o interlocutor concordou.

No terceiro estágio, Sócrates pede ao interlocutor para imaginar o prisioneiro sendo arrastado da caverna, à força, até a luz do sol e indaga-o se o prisioneiro não se sentiria atormentado e irado por ter sido tratado desse modo e se não ficaria incapacitado de enxergar, dado os raios solares. Ao receber o consentimento do interlocutor, emenda com a suposição de que o prisioneiro precisaria de tempo para adaptar-se até poder ver as coisas no mundo superior. No começo, veria sombras mais facilmente, depois imagens ou reflexos de homens e outras coisas na água e, posteriormente, as próprias coisas. Após essa adaptação, supondo que se capacitaria a ver o sol, deduziria e concluiria que o sol é a fonte das estações dos anos e, de alguma forma, a causa de todas as coisas que ele estava acostumado a ver.

No quarto e último estágio, é solicitado a Gláucon pensar no que aconteceria se o prisioneiro se lembrasse de sua primeira morada e de seus companheiros. Se se consideraria feliz pela mudança e sentiria pena da situação dos outros. Pena, disse Gláucon. Com isso, Sócrates continuou e veio com nova arguição: se houvesse honras, louvores ou prêmios entre eles, para o que se revelasse mais hábil no entendimento da lógica das projeções das sombras, nosso homem desejaria essa recompensa ou, ao contrário, preferiria padecer quaisquer sofrimentos a partilhar das opiniões deles e viver como vivem? Gláucon intuiu que ficaria com a segunda hipótese. Sócrates adicionou à arguição a hipótese de esse homem descer ao interior da caverna e reassumir seu antigo posto. Seus olhos não ficariam repletos de escuridão, já que experimentava a claridade dos raios do sol? Gláucon, novamente, concordou. E, acrescenta, enquanto sua visão estiver turva, se tivesse de competir de novo com os perpétuos prisioneiros no reconhecimento das sombras, não atrairia o ridículo sobre si? Não se comentaria

que não valeria a pena sequer fazer a tentativa da viagem à região mais elevada, dada a situação em que nosso homem se encontra? Gláucon concorda e Sócrates diz que toda essa imagem deve ser aplicada ao que dissemos anteriormente. A região visível deveria ser comparada à morada, que é a prisão e a luz da fogueira ao poder do sol. E se interpretares a subida e o exame das coisas acima como a ascensão da alma à região inteligível, terás captado o que espero transmitir, uma vez que isso é o que querias ouvir.

Obviamente, toda essa situação extremada foi colocada como alegoria para trazer elementos passíveis de interpretação. Podemos considerar algumas dualidades, como escuridão e luz, a sombra projetada pelas imagens e ausência dela, os sons produzidos pelos passantes ao longo do anteparo do muro da caverna e o silêncio quando nada falavam. Esse jogo de existir e não existir é a única coisa que as pessoas que na caverna se encontravam conseguiam captar. “As principais características desses expectadores são a passividade e a rigidez de compreensão”.¹ O aprendizado nessa situação é dado muito mais pelo mundo sensorial do que o das ideias, o que, para Platão, não é o verdadeiro saber. Levantar-se e perceber que as sombras, única realidade possível para ele, eram uma projeção, causa um número extenso de desconfortos. Era migrar para uma nova condição e ser obrigado a refletir sobre o que representava tanto a nova quanto a velha situação. “O nosso prisioneiro, vendo-se livre de suas amarras, mantém-se como que suspenso entre o que ele possuía como certo e a incerteza que agora se abre sob os seus pés”.²

Na interpretação de Meyer (1994), portanto, podemos entender, sobre o mito, que as armadilhas das paixões estão associadas à condição que leva as pessoas à ignorância, à falta de percepção de sua verdadeira realidade, que as torna presas no mundo em que o conhecimento se dá pelas percepções corporais, pelas influências das paixões. Não há no homem a necessidade de sair de sua condição se sequer tem ciência dela e, ao mesmo tempo, há a comodidade em permanecer onde está, dado que a mudança sempre acarreta desconfortos. As paixões provocam essas armadilhas. E, sobre a caverna de suas ilusões, há referência ao mundo do sensível, ou seja, ao mundo em que o conhecimento é adquirido por meio dos sentidos, o qual é irreal, passageiro, porque é perecível se modifica com o tempo. O verdadeiro conhecimento, para Platão, só existe no mundo inteligível, pelo exercício da razão. O homem precisa crescer de um estágio ao outro: parte do sensível para chegar ao inteligível.

1 Ribeiro, 2013, p. 105

2 Ibid., p. 111

Aristóteles foi discípulo de Platão, mas criticou a dualidade sensível e inteligível, porque se o mundo sensível não tem sentido, não poderíamos acreditar nas técnicas, nas artes, na política e em tudo o que acontece no mundo. Ao negar a possibilidade de encontrar conhecimento no mundo sensível, o filósofo ateniense, de acordo com Chaui (2016), rouba o sentido do mundo ao invés de buscar sentido por meio dele. Segundo a mesma autora, a grande diferença entre os dois filósofos é que Platão desejava explicar o mundo sensível tal como ele era e buscava respostas fora dele, enquanto Aristóteles desejava compreender o mundo, por que funcionava como funcionava e buscava respostas dentro desse mesmo mundo. A filosofia aristotélica, portanto, visava demonstrar que os mundos sensíveis e inteligíveis estavam entrelaçados e lançou mão de explicar como esse laço é possível.

Ambos os filósofos buscavam o conhecimento. Enquanto Platão dizia que só era possível por meio das ideias, do mundo inteligível, Aristóteles afirmava que os sentidos eram imprescindíveis para raciocinar, pensar o objeto. É ao pensar e ao sentir o objeto que se elabora o conhecimento sobre ele.

Uma das ramificações da teoria do estagirita tem relação com a criação de nova divisão das áreas do saber. Segundo esse filósofo, as ciências são divididas em três áreas: as ciências produtivas, as ciências práticas e as ciências teóricas. A primeira está relacionada com o ato de fabricar, técnicas de produzir. A segunda tem relação com a política e a ética e liga-se à conduta do homem. A terceira tem ligação com as coisas que são por si e em si, sem a participação do homem; só podem ser contempladas; geralmente, as coisas da natureza. Essa divisão vem ao encontro da própria crítica que Aristóteles fazia a Platão, pois, para o estagirita, ainda que as ações humanas fossem baseadas no exercício da razão, não há como dissociá-las de situações concretas, que se encontram no mundo sensível.

Nas ciências produtivas, as que interessam a este trabalho, encontramos a Retórica, que se enquadra como técnica. É comum ouvirmos que Retórica é a ação de persuadir, mas, se seguirmos a divisão do saber de Aristóteles, ela é uma técnica e tem como objetivo encontrar os meios mais adequados para se chegar à persuasão. Nas palavras do próprio autor, pode-se “definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão”³ e confere importância especial às paixões, pois “são as causas das mudanças nos nossos julgamentos”.⁴ De acordo com Chaui (2016), a principal função da Retórica é tocar as paixões: comover, ensinar, deleitar, porque o orador

3 Aristóteles, 2013, p. 44

4 Ibid., p. 122

não fala ao intelecto do auditório, mas sim ao seu ânimo. Dada a importância das paixões na técnica Retórica, passamos a explorar esse universo.

A mobilização das paixões na Retórica aristotélica

Como demonstrado no *Mito da Caverna*, o homem parte do mundo sensível, ascende ao mundo das ideias e retorna ao sensível para explicar. De acordo com Meyer (1994), esse ir e vir entre sensível e inteligível é a metodologia dialética platônica, que pretendia ser científica e estava enraizada no problemático. Conforme o mesmo autor, Aristóteles rompeu com esse pensamento e separou a dialética da lógica, pois a primeira está na seara de argumentação, e a segunda é a textura da ciência. É dessa cisão que o discípulo de Platão passou a sistematizar a retórica, de um lado e a lógica, de outro e dedicou obras exclusivas às duas ideias. Para debater a Retórica, escreveu o livro *Retórica*, que objetivou estudar os meios argumentativos mais adequados para se chegar à persuasão em cada caso. Para debater a lógica, escreveu *Organon*, que objetivou estudar as relações do pensamento com a verdade e analisou se os argumentos utilizados nas premissas levavam a uma conclusão coerente.

Com essa divisão, Aristóteles tornou possível um diálogo entre mundo sensível e inteligível: de um lado, a dialética se ocupará das discussões problemáticas, geralmente encontradas no mundo do sensível e, de outro lado, a lógica, com raciocínios apoditicamente verdadeiros, considerados do mundo inteligível. Dessa forma, a opinião, o provável, o possível que, para Platão, serviam à *doxa*, em Aristóteles foram recuperados dentro de um processo dialético-persuasivo. É dialético porque não trabalha com a visão da verdade, mas com o que é verossímil, com o que norteia o mundo do provável. É persuasivo porque visa levar um auditório, por meio de provas, à melhor opinião sobre uma ou mais controvérsias.

As provas, as quais Aristóteles se referia, são *ethos*, *logos* e *pathos*. A primeira está centrada no caráter do orador. Em suas palavras, a “persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito”.⁵ A segunda é o discurso propriamente dito, “quando demonstramos a verdade, ou o que parece ser a verdade, graças à argumentação persuasiva apropriada ao caso em pauta”.⁶

5 Aristóteles, 2013, p. 45

6 Ibid., p. 46

A terceira, e objeto de estudo deste trabalho, relaciona-se diretamente com as paixões, que trataremos em seguida com mais detalhes.

De acordo com Lacerda (2013), é papel do orador encontrar os meios adequados para despertar as paixões certas, no momento certo, na medida em que “elas são tendências, apetites e desejos que podem tanto resistir à razão como atuar conjuntamente com esta; e são naturalmente mutáveis”.⁷ Se são mutáveis e um meio para levar o auditório a concordar com as teses apresentadas, é importante ter conhecimento de alguns procedimentos que permitem mobilizá-las. Para efeito deste trabalho, a importância será dada em três aspectos: 1) ter ciência das paixões que podem ser tocadas no ato retórico; 2) entender as partes componentes do sistema retórico, especialmente a *Inventio*, de onde se tiram os argumentos; e 3) compreender as características dos gêneros retóricos, os quais contribuem, significativamente, para a elaboração do discurso.

Sobre as paixões que podem ser tocadas no ato retórico, Aristóteles (2013) diz que influenciam os julgamentos e são acompanhadas por dor ou prazer, como a cólera, a compaixão, o medo e outras paixões semelhantes, bem como os seus contrários e é necessário saber a disposição da pessoa que experimenta determinada paixão, quem geralmente a leva sentir tal paixão e quais os motivos a induzem a essa paixão. O quadro abaixo sintetiza os principais conceitos de cada paixão abordada no livro II da *Retórica*, de Aristóteles (2013).

Quadro I – As paixões aristotélicas

Paixão	Disposição	Quem	Motivo
Cólera	Quando experimentamos aborrecimentos ou pesares.	Os que criam obstáculos, os que não nos auxiliam ou nos contrariam quando estamos nessa disposição.	Pela desconsideração à nossa enfermidade ou quando os acontecimentos contrariam a nossa expectativa.
Tranquilidade	Quando estamos livres do sofrimento, em um estado de prazer desprovido de insolência.	Os que nada fazem para nos encolerizar.	Pela ausência de desconsideração ou contrariedade.

7 Lacerda, 2013, p. 17

Amor	Querer para outra pessoa aquilo que temos na conta de bens.	Os que nos tratam bem ou por quem zelamos; pessoas moderadas, sóbrias, porque costumam ser justas.	Em benefício à pessoa amada.
Ódio	Tomar como referência o contrário amor: a pessoa que temos na conta de mal.	Os que supomos ter um caráter de que não gostamos.	Para causar um dano, causar um mal.
Medo	Acreditar que algo lhe acontecerá por meio de ação de determinadas pessoas.	Os que detêm os meios de nos prejudicar.	Pode nos causar sofrimentos, perdas e destruição.
Confiança	Acreditar ter saído sempre bem quando afrontado o perigo ou dele haver escapado com segurança.	Os que são capazes de nos prejudicar.	Pela esperança de que as coisas que podem nos dar segurança estão próximas e as que tememos estão ausentes ou distantes.
Pudor	Quando experimentamos atos desonrosos, quer à nossa pessoa ou às pessoas pelas quais zelamos.	Das pessoas com cuja opinião a respeito de nós nos importamos.	Forma de aflição ou perturbação gerada por ações deploráveis.
Despudor	Quando não nos importamos com os atos desonrosos, quer à nossa pessoa ou às pessoas pelas quais zelamos.	Das pessoas com cuja opinião a respeito de nós não nos importamos.	Descaso ou indiferença.
Benevolência	Quando dispõe de recursos e presta ajuda a quem passa privações.	Os que se acham em extrema necessidade.	Em favor do interesse do beneficiado por seu gesto.
Compaixão	Quando estamos em condições de lembrar que semelhantes infelicidades atingiram a nós ou a quem amamos.	Os que conhecemos e não sejam tão próximos, pois, nesse caso, é como se nós mesmos estivéssemos a sofrer.	Receamos para nós mesmos os males de que as outras pessoas foram vítimas.

Indignação	Quando estamos diante de sucesso de alguém e consideramos não merecido.	Os que experimentam sucesso sem merecimento.	Tudo que é imerecido é injusto.
Inveja	Quando experimentamos sofrimento pelo evidente êxito de um de nossos pares.	Os nossos iguais por nascimento, parentesco, idade, disposição, distinção e posses em geral, bem como aqueles que temos como rival.	As ações ou posses que despertam o amor às honras e à reputação, além do desejo de glória e dos diversos dons da fortuna.
Emulação	Quando acreditamos merecer certos bens que não obtivemos.	Os que possuem os bens que nos consideramos merecedores. Não porque outros possuem, mas porque nós não possuímos.	Tende a ser sentida quando acreditamos merecer certos bens que não obtivemos.
Desprezo	Quando desprezamos pessoas ou objetos que apresentam males contrários aos bens dignos de inveja.	Os que gozam de boa sorte, quando ela não vem acompanhada de bens honrosos.	Tendemos a desprezar os que têm boa sorte imerecidamente.

Fonte: Aristóteles (2013, p. 121- 161). Quadro elaborado pelo autor.⁸

Uma vez identificadas as paixões, a disposição em que se encontram, quem pode provocá-las e por qual motivo, parte-se para a descrição das partes do sistema retórico, cujas premissas servem de base para articular os argumentos. Conforme Ferreira (2015), o sistema retórico é composto por quatro partes⁹: a invenção (*inventio*), a disposição (*dispositio*), a elocução (*elocutio*) e a ação (*actio*). As três últimas são partes que adequam, embelezam a primeira. Na disposição, o orador se preocupa com a ordenação do discurso, a sequencialização. Na elocução, a preocupação recai sobre o estilo, isto é, o nível de formalidade, a clareza, a adequação, a elegância etc. Por fim, a ação é parte que se atenta à execução do discurso, especialmente aos elementos metalinguísticos, como o ritmo, a entonação, as pausas etc. Embora essas três partes tenham importância para mobilizar as paixões do auditório e, na prática, as quatro se imbriquem no ato retórico, será ressaltada a

⁸ O quadro é uma síntese das principais ideias de Aristóteles em relação às paixões. Não expressa integralmente as considerações do filósofo. O objetivo foi condensá-las num quadro-referência para análise do corpus

⁹ Mosca (1997) acrescenta uma quinta, a memória. Segundo essa autora, os romanos foram os responsáveis pela inserção da memória como componente do sistema retórico. É a retenção do material a ser transmitido

invenção, pois é “de onde se tiram as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso (...) Trata-se, portanto, de retórica do conteúdo”.¹⁰

Ferreira (2015) nos mostra que a palavra “invenção” deriva do termo latino *inventio* e é entendida como “descobrir”, “achar”, “encontrar”, portanto, é o momento de buscar as provas que sustentarão o discurso. Essa busca leva em considerações os lugares retóricos,¹¹ que são entendidos como grandes armazéns de argumentos utilizados para estabelecer acordo com o auditório¹² e, ainda, fundamentam valores e hierarquias e reforçam a intensidade da adesão.¹³ De acordo com esse último autor, não seria vantajoso criar uma lista exaustiva de lugares e, uma das opções para minimizar esse entrave, é reduzir os lugares em dois grandes grupos, que poderá ser encontrado em todos os outros, quais sejam, o lugar da quantidade e o lugar da qualidade. Cada um desses lugares fornece premissas para elaboração de argumento.

O lugar da quantidade é o armazém que contém as premissas que marcam a superioridade de uma coisa pela outra por razões quantitativas. A título de exemplo, uma agência avaliadora de ensino pode julgar uma universidade melhor do que outra pelo número de trabalhos científicos publicados ou pela quantidade de universidades estrangeiras com as quais mantém relação. Vale ressaltar que a quantidade pode não estar explícita no discurso, como, também a título de exemplo: “os parlamentares sinalizaram estar de acordo com o projeto de lei”. Nesse caso, pode-se ressaltar a importância do projeto de lei pela quantidade de parlamentares que votaram em favor dele, ainda que não haja um número materializado linguisticamente.

O lugar da qualidade armazena as premissas que denotam a superioridade de uma coisa pela outra por razões qualitativas. A título de exemplo, “optei pela contratação de João em vez de Paulo, porque fala francês, além do inglês e será mais útil à companhia”. Nesse caso, é possível dizer que a escolha do selecionador levou em consideração a capacidade em línguas estrangeiras dos candidatos e concluiu que o primeiro é mais qualificado do que o segundo por oferecer a possibilidade de interação com um número maior de pessoas e empresas, potenciais consumidores.

O terceiro e último aspecto importante para conhecimento de como mobilizar as paixões são os gêneros retóricos. Os dois aspectos anteriores explicitaram as características das paixões e os lugares de onde se tiram um argumento. Os gêneros

10 Mosca, 1997, p. 28

11 Aristóteles (2013) diz que as provas retóricas são *ethos*, *logos* e *pathos*. A invenção é a parte que leva em consideração a elaboração do discurso (*logos*) para atingir a disposição do auditório (*pathos*)

12 Ferreira, 2015, p. 69

13 Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2000, p. 94

retóricos, por sua vez, oferecem as características do contexto que permitem lapidar o discurso quanto à finalidade, o tempo, o tipo de auditório e o que se espera dele. De acordo com Aristóteles (2013), há três gêneros: o jurídico, o deliberativo e o epidítico. Neste trabalho a preocupação recai sobre o gênero deliberativo.¹⁴

Um gênero retórico é categorizado em razão da atividade exercida em vida social. Na política, quando se está diante de um sistema democrático, o objetivo é levar o máximo de pessoas a escolher ou a tomar determinada conduta. Portanto, o desafio do orador é encontrar um número de argumentos que demonstra ao auditório que é mais útil a todos seguir suas recomendações. Trata-se de questões que estão por vir. O orador tem de utilizar argumentos do tipo indutivo, ou seja, os que tentam prever o futuro com base em informações que o auditório já possui e tentar validá-las por um número tanto quanto maior de exemplos. Não se produz novos conhecimentos. É sempre a tentativa de revalidar o que já se sabe. Como exemplo, o ano de 2019 foi tomado por uma intensa discussão sobre a reforma da Previdência Social brasileira. Os propositores da reforma, governo e deputados da base aliada, precisaram convencer os demais deputados (auditório) e a percepção da população (também auditório) de que as mudanças eram necessárias para não levar o sistema à bancarrota. Essa reforma mexeria com questões financeiras e o tempo para aquisição do direito à aposentadoria e, por consequência, afetaria as expectativas dos futuros beneficiários do sistema, ou seja, não se estava diante de uma questão que ensejava somente a razão. As paixões seriam fortemente afetadas.

Como síntese do que foi dito até agora, três aspectos precisam ser levados em consideração para mobilizar as paixões do auditório. O primeiro é a necessidade de saber quais paixões estão em jogo e quais disposições podem ser suscitadas por meio delas. O segundo se refere ao lado racional. É importante entender como utilizar os armazéns de recursos argumentativos para elaborar o discurso. Por último, é primordial saber o que se espera do auditório, ou seja, qual acordo será necessário estabelecer para o discurso levar o auditório ao sentido esperado.

Análise de um caso concreto

Nesta seção o objetivo é demonstrar, por meio de um caso real, como o discurso tentou mobilizar as paixões para mover o auditório no sentido desejado. O discurso selecionado foi uma entrevista que o então ministro da economia,

14 Para uma descrição detalhada de todos os gêneros, recomendam-se o artigo de Mosca (1997) ou o livro de Tringali (2014), que constam nas referências deste trabalho

Paulo Guedes, concedeu à emissora estatal NBR, no início do governo Bolsonaro, período em que iniciaram os debates sobre a necessidade de reforma da Previdência Social. A escolha pelo entrevistado se deu pela importância do cargo e por toda ideia propagada em torno de sua pessoa como o ministro que mudaria os rumos econômicos do Brasil.

Obviamente, a demonstração levará em consideração os três aspectos elencados na seção anterior deste trabalho. Esses aspectos estão todos imbricados no discurso, mas, para fins didáticos, serão demonstrados separadamente.

A antiga previdência se exauriu financeiramente. É uma fábrica de privilégios. Arma de destruição em massa de empregos, pela forma inadequada de financiamento, que os encargos trabalhistas incidem sobre a folha de pagamento. [...] Então, a geração de emprego fica completamente comprometida. De 96 milhões de brasileiros, que são a população economicamente ativa, são os brasileiros em idade de trabalhar, quase cem milhões, 46 milhões não têm carteira de trabalho. [...] É um avião destinado a cair, com várias bombas-relógios a bordo. A primeira é a bomba demográfica [...] O Brasil tem apenas 11% de idosos e a previdência já tá (sic) às vésperas de um colapso financeiro. A segunda ameaça é exatamente o desemprego em massa que ela produz. 46 milhões de brasileiros vão envelhecer e eles não contribuem porque eles não conseguem emprego formal [...] e essas pessoas estão condenadas não só a uma vida à margem do sistema oficial, como também já condenadas também a uma aposentadoria pobre lá na frente, porque vão quebrar o sistema. O terceiro grande defeito, macroeconômico, é que não leva recursos pro futuro [...] Então, os salários vão sendo corrigidos, o salário-mínimo vai subindo, existe essa promessa de uma aposentadoria lá na frente, mas os recursos são consumidos pela própria geração contemporânea, porque o jovem paga e o velho consome, aquilo é destruído instantaneamente [...] Os defeitos são inúmeros: é um regime obsoleto, é um regime condenado, cheio de bombas a bordo, então nós tínhamos uma responsabilidade moral com as futuras gerações de permitir que eles escapem a essa armadilha em que as nossas gerações passadas e contemporâneas se meteram.

Fonte: Emissora estatal NBR. Entrevista concedida em 20 de fevereiro de 2019.

Quais as paixões e disposições são mobilizadas, quem são as pessoas e quais os motivos?

Para não tornar a análise demasiadamente prolongada, optou-se por observar as paixões e demonstrá-las em alguns trechos, sem a pretensão de esgotar as possibilidades de inferência.

Podemos destacar a tentativa de produzir cólera, ódio e indignação nas passagens:

“É uma fábrica de privilégios.”, “Arma de destruição em massa de empregos”, “a geração de emprego fica completamente comprometida”, “46 milhões não têm carteira de trabalho”, “o desemprego em massa que ela produz”, “46 milhões de brasileiros vão envelhecer e eles não

contribuem porque eles não conseguem emprego formal”, “e essas pessoas estão condenadas não só a uma vida à margem do sistema oficial, como também já condenadas também a uma aposentadoria pobre lá na frente”, “os recursos são consumidos pela própria geração contemporânea, porque o jovem paga e o velho consome”.

O discurso é movido para provocar o aborrecimento, ter a situação como um mal e escancarar ao auditório a existência de privilégios imerecidos. Elege o então sistema previdenciário como o responsável pelas mazelas que se deseja combater, por desconsiderar a situação de milhões de pessoas e provocar injustiça social.

Nas passagens abaixo, é possível verificar o medo como parte integrante das estratégias de mobilização das paixões:

“A antiga previdência se exauriu financeiramente”, “a geração de emprego fica completamente comprometida”, “É um avião destinado a cair, com várias bombas-relógios a bordo”, “e essas pessoas estão condenadas não só a uma vida à margem do sistema oficial, como também já condenadas também a uma aposentadoria pobre lá na frente, porque vão quebrar o sistema”.

O orador quer fazer crer que permanecer do jeito que está gerará problema aos beneficiários, porque o sistema entrará em falência. Elege também, o então sistema previdenciário como o ator responsável pelo mal que será criado, por levar as pessoas a uma situação de sofrimento com as perdas financeiras que terão em fase avançada da vida.

A tentativa de persuadir segue a sequência de demonstrar os males de perpetuar o sistema como está e oferece a tranquilidade, a confiança e a compaixão nas passagens abaixo, caso o auditório aceite seguir com as modificações sugeridas:

“então nós tínhamos uma responsabilidade moral com as futuras gerações de permitir que eles escapem a essa armadilha em que as nossas gerações passadas e contemporâneas se meteram”.

O discurso tenta provocar a superação de um estado de sofrimento, de promoção de segurança e criar um cenário em que as futuras gerações não experimentem os problemas dos quais as gerações atuais padecem.

De onde os argumentos são tirados?

Esta seção trabalha o lado racional do discurso. É a escolha dos lugares retóricos utilizados para estabelecer acordos com o auditório.

É possível encontrar argumentos que fazem uso do lugar da quantidade em:

“A antiga previdência se exauriu financeiramente”, “Arma de destruição em massa de empregos”, “De 96 milhões de brasileiros, que são a população economicamente ativa, são os brasileiros em idade de trabalhar, quase cem milhões, 46 milhões não têm carteira de trabalho”, “O Brasil tem apenas 11% de idosos e a previdência já tá (sic) às vésperas de um colapso financeiro”, “o desemprego em massa que ela produz”, “46 milhões de brasileiros vão envelhecer e eles não contribuem porque eles não conseguem emprego formal”, Então, os salários vão sendo corrigidos, o salário-mínimo vai subindo, existe essa promessa de uma aposentadora lá na frente, mas os recursos são consumidos pela própria geração contemporânea”

Vale lembrar que não é necessária a presença de um numeral para se falar do lugar de quantidade. Quando diz que a previdência se exauriu financeiramente, cria-se um cenário em que se está diante de uma escassez quantitativa de recursos. Nas demais passagens, os números estão explícitos. 46 milhões sem carteira de trabalho assinada, que vão envelhecer dentro de um sistema em que só 11% dos beneficiários já são suficientes para exauri-lo do ponto de vista financeiro. Foram esses os elementos colocados no discurso para tentar o acordo com o auditório, ou seja, aceitem a mudança que proponho sob pena de perpetuar os problemas colocados.

Nas passagens abaixo, podemos encontrar os lugares da qualidade:

“forma inadequada de financiamento”, “a geração de emprego fica completamente comprometida”, “De 96 milhões de brasileiros, que são a população economicamente ativa, são os brasileiros em idade de trabalhar, quase cem milhões, 46 milhões não têm carteira de trabalho”, “É um avião destinado a cair, com várias bombas-relógios a bordo”, “O Brasil tem apenas 11% de idosos e a previdência já tá (sic) às vésperas de um colapso financeiro”, “pessoas estão condenadas não só a uma vida à margem do sistema oficial”, “Os defeitos são inúmeros: é um regime obsoleto, é um regime condenado, cheio de bombas a bordo”.

Quando disse que o sistema atual tem uma forma inadequada de financiamento, incita o entendimento de que a mudança é necessária para criar um sistema de financiamento superior ao existente. Há, também, a tentativa de ressaltar a qualidade quando fez uso da quantidade, na medida em que há 96 milhões aptos ao trabalho, mas, desses, 46 milhões estão fora do mercado formal, ou seja, o sistema é ruim, excludente. É possível encontrar, na metáfora do “avião destinado a cair”, a crítica a um sistema que segue em direção ao colapso, ou seja, a mudança é necessária para a implantação de uma direção qualitativamente superior. Por fim, além de destacar que o sistema é falho, pois o percentual de beneficiários é pequeno (11%) para produzir o colapso, qualifica-o, explicitamente, como obsoleto, condenado e prestes a entrar em colapso. Mediante todos esses argumentos, o orador tenta abrir caminho para a aceitação da mudança no sistema previdenciário.

Quais as características do gênero retórico?

O gênero é deliberativo por excelência. O orador não tem poder de modificar a Previdência Social sem a anuência dos parlamentares, os quais, por sua vez, ouvirão seus eleitores para formar seus juízos e tomar suas decisões. Na prática, o discurso precisa persuadir a população e os parlamentares da necessidade de mudança, logo, mostrar o quanto será útil modificar o sistema atual.

A primeira característica é que o assunto trata de questões que estão por vir, evidentes nas passagens:

“É um avião destinado a cair, com várias bombas-relógios a bordo”, “46 milhões de brasileiros vão envelhecer e eles não contribuem porque eles não conseguem emprego formal”, “já condenadas também a uma aposentadoria pobre lá na frente”, “é que não leva recursos pro futuro”

Todos esses elementos linguísticos apontam para os problemas que existirão, segundo o orador, se as mudanças não forem aceitas. Outra característica é que o futuro é previsto com base em informações que estão postas no presente. Não se produz conhecimento novo. É uma estratégia com vistas a demonstrar que a mudança é necessária.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi o de contrapor as ideias de Platão e Aristóteles em relação à forma de compreender o papel das emoções nas relações de inte-

ração comunicativa e, em consonância e preferência pelas ideias de Aristóteles, demonstrar como elas são mobilizadas no gênero retórico deliberativo.

Foi possível constatar que, diferentemente de Platão, Aristóteles reconhece a imprescindibilidade de levar em consideração os sentidos para elaborar conhecimento sobre eles e, em consequência disso, analisar situações do cotidiano, como o da política.

Por meio da análise de um caso concreto, ficou evidenciado que, embora o orador se valeu de elementos racionais para justificar suas razões, o discurso incitou a cólera, o ódio, a indignação e o medo, para provocar o desejo de mudança e, ao mesmo tempo, ofereceu tranquilidade, compaixão e segurança, para abrir caminho para a adesão às teses apresentadas.

Referências

- ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Edipro. Trad. Edson Bini. 2013.
- CHAUI, M. *Introdução a história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das letras. 1994.
- FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto. 2015.
- GUEDES, P. Paulo Guedes fala sobre “Nova Previdência”. Entrevista à emissora estatal NBR. 20 de fevereiro de 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LE-cXkvEPyFU>. Consultado em setembro/2020.
- LACERDA, T. M. *As paixões*. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2013.
- MEYER, M. *O Filósofo e as paixões: esboço de uma história da natureza humana*. Coimbra: Edições Asa. 1994.
- MOSCA, L. do L. S. *Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos*. In _____. *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas. 1997.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- PLATÃO. *O mito da caverna*. São Paulo: Edipro. Trad. Edson Bini. 2019.
- RIBEIRO, G. M. F. *O exercício do filósofo: a experiência da solidão e os limites da linguagem no livro VII da República de Platão*. Revista Teias v. 14 • n. 32 • 101-128 • maio/agosto. 2013. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24312>. Consultado em junho/2020.